



Semana da Vida
11 a 18 de Maio de 2008

TEMA

Vida com Esperança

À luz da Encíclica *Spe Salvi* de Bento XVI

As expectativas e os níveis de confiança são temas recorrentes, cada vez mais abundantes, nas páginas informativas. Podemos reflectir muito sobre a questão, sem excluir indesmentíveis interesses. Ficaremos sempre em falta se esquecermos o desejo nativo e íntimo que relança a pessoa na busca do durável, do sólido e do eterno, mesmo numa sociedade concentrada no supérfluo e no imediato. A coragem de abraçar a vida todos os dias radica em anseios naturais, alguns manifestamente superiores às estritas possibilidades humanas.

Após o referendo de 11 de Fevereiro de 2007, que abriu as portas à liberalização do aborto, a Conferência Episcopal Portuguesa apelou a uma resposta *criativa e ousada*, aos desafios de uma *acentuada mutação cultural*, marcada pela ausência de *valores éticos fundamentais* (cf. *Nota Pastoral de 16/2/2007*). Nesse *novo contexto*, a *Semana da Vida – 2007* indicava a vocação fundamental de todos à felicidade construída na comunhão, e fortalecia os crentes na certeza de que os desejos humanos mais genuínos e profundos são também anseios de Deus. No mesmo *contexto*, a Comissão Episcopal do Laicado e Família propõe agora a *Semana da Vida – 2008*, dedicada à ***Vida com Esperança***, à luz da recente encíclica *Spe Salvi* do Papa Bento XVI.

Fomos salvos na *esperança fidedigna*, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente (SS 1). Bento XVI inicia assim a sua proposta de um entendimento da esperança baseado no testemunho bíblico e na fé da Igreja, ao contrário das pretensões do tempo moderno de encontrar esse entendimento longe de Deus.

No fim da primeira parte da Encíclica, o Papa propõe um resumo da sua reflexão sobre a fisionomia da esperança cristã. Começando pela apresentação quase integral deste resumo, prosseguiremos ao mesmo ritmo, lendo e sintetizando a Encíclica e procurando manter o próprio texto, sempre que possível. A intenção é destacar os pontos principais, facilitar a sua apreensão e incentivar uma leitura integral.

1. Das nossas esperanças à grande esperança

O homem, na sucessão dos dias, tem muitas esperanças – menores ou maiores – distintas nos diversos períodos da sua vida. [...] Quando estas esperanças se realizam, resulta com clareza que na realidade, isso não era a totalidade. O homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar. [...] (30).

Precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir [...]. Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto. O seu reino não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; o seu reino está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança. Somente o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar com toda a sobriedade, dia após dia, sem perder o ardor da esperança, num mundo que,

por sua natureza, é imperfeito. E, ao mesmo tempo, o seu amor é para nós a garantia de que existe aquilo que intuimos só vagamente e, contudo, no íntimo esperamos: a vida que é «verdadeiramente» vida (31).

2. Jesus, Mestre e Pastor

Lembrando duas imagens que os cristãos colocavam nos túmulos para afirmarem a vitória sobre a morte, o Papa apresenta Cristo como *o filósofo – que ensinou a arte de ser rectamente homem, a arte de viver e de morrer – e como o pastor – que, mesmo na estrada da derradeira solidão, onde ninguém me pode acompanhar, caminha comigo, servindo-me de guia ao atravessá-la. Ele mesmo percorreu esta estrada, desceu ao reino da morte, venceu-a e voltou para nos acompanhar (6).* Deus pode saciar o nosso desejo, propondo e dando-nos o que não conseguimos sozinhos. Aliás, Jesus não se limita a *informar-nos* sobre as realidades futuras: transforma e sustenta a nossa vida presente trazendo desde já para ela, em antecipação, algo da perfeição anunciada (cf. 6).

3. Do amor humano ao amor incondicionado

Entre as esperanças humanas, todas limitadas, Bento XVI destaca o amor. Frágil em si mesmo, este pode ser salvo por Deus que, tendo-nos amado e amando-nos ainda agora «até ao fim», é a nossa única grande esperança (26).

Quando alguém experimenta um grande amor, conhece, um momento de «redenção» que dá um sentido novo à sua vida. Mesmo assim, o ser humano necessita do amor incondicionado e só está «redimido» quando exclamar: «Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a Si mesmo por mim» (Gal 2,20), (26).

Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente a vida. Explicando que a vida plena e abundante (cf. Jo 10,10), consiste em conhecer o Pai e a Jesus Cristo que Ele enviou (cf. Jo 17,3), Jesus afirma que só há vida total na relação com Aquele que é fonte da vida, a própria Vida e o próprio Amor. Por isso, mesmo podendo ter muitas esperanças, quem não conhece Deus, no fundo está sem esperança (cf. Ef 2,12), (27).

Mesmo indiciando “redenção” e com intuições de vida, o amor humano, na sua estrita dimensão, permanece frágil. Conduzindo-nos à necessidade intrínseca de o amor humano se entender no desígnio divino, Bento XVI coloca-nos na senda da Exortação *Familiaris Consortio* de João Paulo II: *Jesus Cristo revela a verdade originária do matrimónio [...] e, libertando o homem da dureza do seu coração, torna-o capaz de a realizar inteiramente. O seu Espírito infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem como Cristo nos amou (FC 13). Somente na fé, (os esposos) podem descobrir e admirar com jubilosa gratidão a que dignidade Deus quis elevar o matrimónio e a família, constituindo-os sinal e o lugar da aliança de amor entre Deus e os homens, entre Jesus Cristo e a Igreja sua esposa (FC 51).*

4. «Lugares de aprendizagem e de exercício da esperança

4.1. A oração como escola de esperança

Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar. Se não há mais ninguém que me possa ajudar – por tratar-se de uma necessidade ou de uma expectativa que supera a capacidade humana de esperar – Ele pode ajudar-me. Se me encontro confinado numa extrema solidão... o orante jamais está totalmente só (32).

Juntando o exemplo de Santo Agostinho, Bento XVI prossegue: *O homem foi criado [...] para o próprio Deus, para ser preenchido por Ele. Mas, o seu coração é demasiado estreito para a grande realidade*

que lhe está destinada. Tem de ser dilatado. Citando Agostinho: “Supõe que Deus queira encher-te de mel [...]. Se tu, porém, estás cheio de vinagre, onde vais pôr o mel? O vaso, ou seja o coração, deve primeiro ser dilatado e depois limpo [...]” (cf. *In 1 Joannis* 4,6: PL 35, 2008s). [...] O homem neste esforço, com que se livra do vinagre e do seu sabor amargo, não se torna livre só para Deus, mas abre-se também para os outros. [...] O modo correcto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus e [...] aptos também para os homens (33).

4.2. Agir e sofrer, lugares de aprendizagem da esperança

Sem a luz daquela esperança que não pode ser destruída por falências de alcance histórico, o esforço cansa-nos ou transforma-se em fanatismo. Só a certeza de que a minha vida e a história estão conservadas no poder indestrutível do Amor e possuem, por isso, sentido e importância, dá coragem para continuar. O nosso agir não é indiferente a Deus e, portanto, também não o é para o desenrolar da história.

Abertos ao ingresso de Deus, contribuimos para a salvação do mundo. Isto conserva um sentido, mesmo quando, aparentemente, não temos sucesso [...] face à hegemonia de forças hostis. [...] É a grande esperança apoiada nas promessas de Deus que [...] nos dá coragem e orienta o nosso agir (35).

Também o sofrimento faz parte da existência humana. [...] Eliminá-lo completamente não está ao nosso alcance. Só Deus o poderia fazer: só um Deus que pessoalmente entra na história fazendo-Se homem e sofre nela. Sabendo da sua presença e do seu poder que «tira os pecados do mundo» (Jo 1,29), possuímos a esperança da cura do mundo, conscientes, embora, do seu ainda não cumprimento. Esta esperança dá-nos a coragem de nos colocarmos da parte do bem (36).

Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor. Descendo ao mais atroz sofrimento, Ele ficou perto de quem sofre e transformou as trevas em luz. [...] O sofrimento – sem deixar de o ser – torna-se, apesar de tudo, canto de louvor (37).

A grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. É cruel e desumana a sociedade que não aceita os que sofrem e não é capaz de assumir e partilhar os seus sofrimentos. Aceitar o outro que sofre significa, de facto, assumir de alguma forma o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. O sofrimento partilhado é penetrado pela luz do amor, como exprime a palavra latina *con-solatio*, consolação, sugerindo um estar-com na solidão, que então deixa der ser solidão.

Mas, a capacidade de aceitar o sofrimento por amor do bem, da verdade e da justiça é também constitutiva da grandeza da humanidade, porque se o meu bem-estar é mais importante do que a verdade e a justiça, vigoram o mais forte, a violência e a mentira.

Por fim, também o «sim» ao amor é fonte de sofrimento, porque o amor exige sempre expropriações do meu eu, nas quais me deixo podar e ferir.

O amor não pode existir sem esta renúncia mesmo dolorosa a mim mesmo (38). O outro é suficientemente importante, para que por ele eu me torne uma pessoa que sofre? Para mim, a verdade é tão importante que compensa o sofrimento? A promessa do amor é assim tão grande que justifique o dom de mim mesmo? O homem tem para Deus um valor tão grande que Ele mesmo Se fez homem para poder padecer com o homem. [...] A partir de lá, propaga-se em todo o sofrimento a consolação do amor solidário de Deus. Surgiu assim a verdadeira grande esperança de que necessito para assumir antepor a verdade ao bem-estar, à carreira e à propriedade (39).

Fazia parte duma forma de devoção [...] a ideia de poder «oferecer» as pequenas canseiras da vida quotidiana [...]. Que significa «oferecer»? Estas pessoas estavam convencidas de poderem inserir no grande com-padecer de Cristo as suas pequenas canseiras [...]. Deveríamos talvez interrogar-nos se verdadeiramente isto não poderia voltar a ser uma perspectiva sensata também para nós (40).

4.3. O Juízo como lugar de aprendizagem e de exercício da esperança

«*De novo há-de vir em sua glória, para julgar os vivos e os mortos*» (Credo da Igreja). [...] O ateísmo dos séculos XIX e XX protestou contra as injustiças do mundo e da história. [...] Sem um Deus que crie justiça, essa tarefa caberá então ao homem. Ora, *se diante do sofrimento deste mundo o protesto contra Deus é compreensível, a pretensão de a humanidade poder e dever fazer aquilo que nenhum Deus faz nem é capaz de fazer, é presunçosa e intrinsecamente não verdadeira*. Desta pretensão resultaram as maiores crueldades e violações da justiça. *Um mundo que deve criar a justiça por sua conta, é um mundo sem esperança. Nada nem ninguém responde pelo sofrimento dos séculos [...] nem garante que o cinismo do poder não continue* (42).

Deus fez-Se uma «imagem» em Cristo que Se fez homem [...] e revela a sua Face na figura do servo sofredor que partilha a condição do homem abandonado por Deus, tomando-a sobre si. Este sofredor inocente tornou-se esperança-certeza: Deus existe e sabe criar a justiça de um modo que nós não somos capazes de conceber mas que, pela fé, podemos intuir. Existe a ressurreição da carne. Existe uma justiça. Existe a «revogação» do sofrimento passado, a reparação que restabelece o direito. Por isso, a fé no Juízo final é, primariamente, e sobretudo esperança. Estou convencido de que a questão da justiça constitui o argumento essencial [...] a favor da fé na vida eterna [...] (43).

Só Deus pode criar justiça. [...] A imagem do Juízo final não é primariamente uma imagem aterradora, mas de esperança [...]. Mas não é porventura também uma imagem assustadora? Eu diria: é uma imagem que apela à responsabilidade. [...] Deus é justiça e cria justiça. [...] Mas, na sua justiça, Ele é conjuntamente também graça [...] que não exclui a justiça. Não é uma esponja que apaga tudo, de modo que tudo quanto se fez acabe por ter o mesmo valor [...] (44).

Com a morte, a opção de vida feita pelo homem torna-se definitiva e está diante do Juiz. A sua opção [...] pode ter caracteres diversos. Pode haver pessoas que destruíram totalmente o desejo da verdade e a disponibilidade para o amor [...] Em tais indivíduos, não haveria nada de remediável [...]: é já isto que se indica com a palavra inferno. Por outro lado, podem existir pessoas puríssimas, que se deixaram penetrar inteiramente por Deus [...] totalmente abertas ao próximo – pessoas [...] cuja chegada a Deus apenas leva a cumprimento aquilo que já são (45). *Mas, [...] na maioria dos homens – como podemos supor – perdura [...] uma derradeira abertura interior para a verdade, para o amor, para Deus. [...] porém, aquela é sepultada sob repetidos compromissos com o mal: muita sujeira cobre a pureza que, apesar de tudo, [...] continua presente na alma. O que acontece [...] diante do Juiz?*

São Paulo, usando imagens [...], dá-nos uma ideia da distinta repercussão do juízo de Deus sobre o homem, conforme as suas condições e afirma que a existência cristã está construída sobre um fundamento comum, Jesus Cristo, que não nos será tirado: «Se alguém edifica sobre este fundamento com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, a obra de cada um ficará patente, pois o dia do Senhor a fará conhecer. Pelo fogo será revelada e o fogo provará a obra de cada um [...]» (1 Cor 3,12-15). No texto torna-se evidente que a salvação dos homens pode acontecer sob distintas formas: algumas coisas edificadas podem queimar completamente; para alcançar a salvação, é preciso atravessar pessoalmente o «fogo» para se tornar definitivamente capaz de Deus e poder sentar-se à mesa do banquete nupcial eterno (46).

Teólogos recentes são de parecer que o fogo que simultaneamente queima e salva é o próprio Cristo. [...] As coisas edificadas durante a vida podem então revelar-se palha seca [...] Porém, na dor deste encontro está a salvação. [...] Uma dor feliz, em que o poder do seu amor nos penetra como chama, consentindo-nos no final sermos totalmente nós mesmos e, por isso mesmo, totalmente de Deus. [...] O nosso modo de viver não é irrelevante, mas a nossa sujeira não nos mancha para sempre, se ao menos continuámos inclinados para Cristo, para a verdade e para o amor. No fim de contas, esta sujeira já foi queimada na Paixão de Cristo. [...] O Juízo de Deus é esperança quer porque é justiça, quer porque é graça. [...] A graça permite-nos esperar e caminhar cheios de confiança ao encontro do Juiz que conhecemos como nosso «advogado», *parakletos* (cf. 1 Jo 2,1).

Que o amor possa chegar até ao além, [...] constituiu uma convicção fundamental do cristianismo através dos séculos e ainda permanece uma experiência reconfortante. Quem não sentiria a necessidade de fazer chegar aos seus entes queridos, [...] um sinal de bondade, de gratidão ou mesmo de pedido de perdão? [...] Deveremos dar-nos conta de que nenhum homem é uma mónada fechada em si mesma. As nossas vidas estão em profunda comunhão [...]. Deste modo, a minha intercessão pelo outro não é uma coisa que lhe é estranha. [...] A minha oração por ele pode significar uma pequena etapa da sua purificação. Como cristãos, não basta perguntarmo-nos: como posso salvar-me a mim mesmo? Deveremos antes perguntar-nos: o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? (48).

5. Maria, estrela da esperança

Rumo à meta, *a vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa. Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas para chegar até Ele, precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele. E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança?* O Santo Padre convidando-nos a uma longa e terna oração. Com ele rezamos: [...] *Mãe de Deus, Mãe nossa, ensinai-nos a crer, a esperar e a amar convosco [...]. Estrela do Mar, brilhai sobre nós e guiai-nos no nosso caminho.*